



No tempo presente

Autor(es): Figueira, Jorge

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitetura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37319>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_3_5

Accessed : 17-May-2017 10:09:41

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



JOELHO

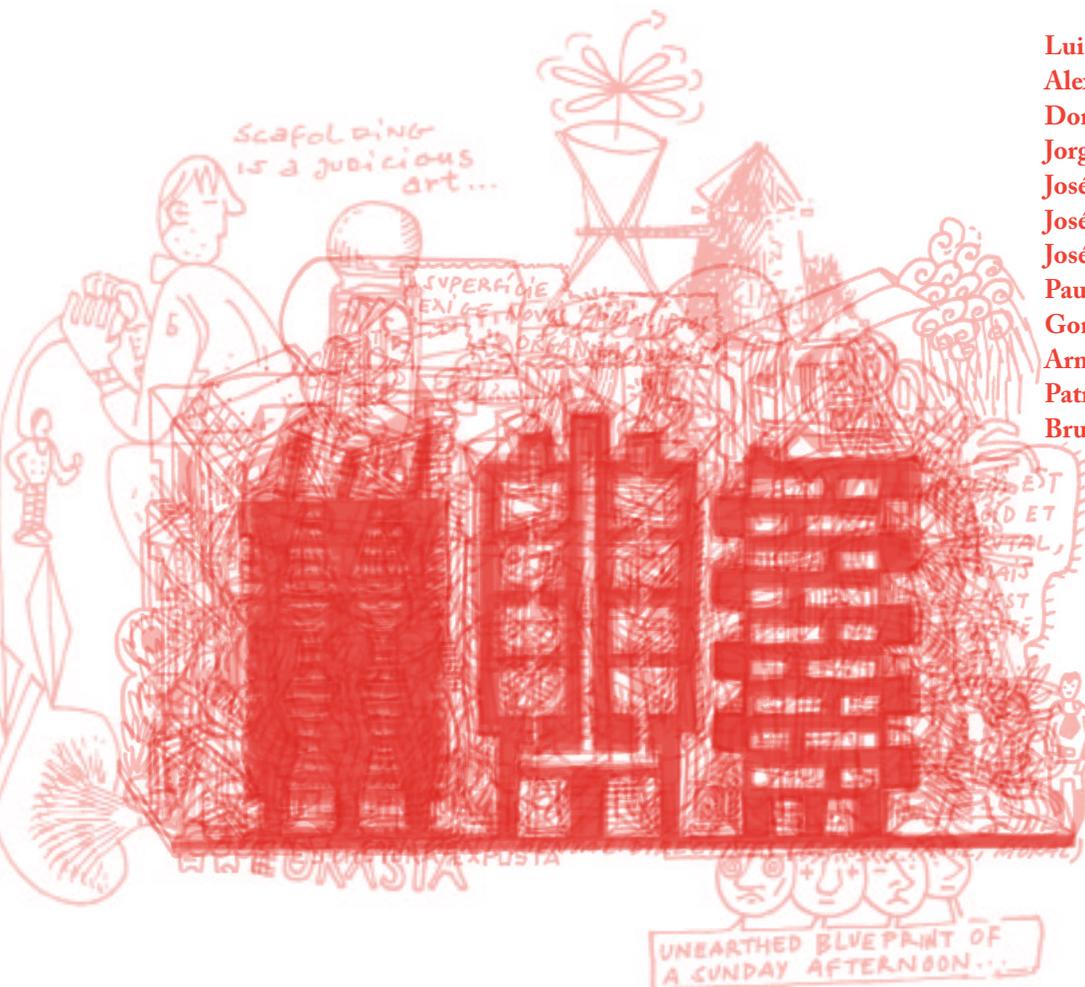
03

VIAGEM-MEMÓRIAS: APRENDIZAGENS DE ARQUITECTURA

—
Coordenação:
Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Exposição Viagem
Exposição Memórias

Luis Mansilla
Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares
Jorge Figueira
José Miguel Rodrigues
José António Bandeirinha
José Fernando Gonçalves
Paulo Providência
Gonçalo Canto Moniz
Armando Rabaça
Patrícia Miguel
Bruno Gil



Jorge Figueira

No Tempo Presente

A história como arte



Na direcção do arcaico



O futuro é nosso



1 A história como arte

Já pude brevemente comentar a contribuição de Alexandre Alves Costa para o ensino da arquitectura¹ e, em particular, a cadeira que começou a leccionar em 1984-85², “História da Arquitectura Portuguesa”, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Para lá dos conteúdos, é o método, até mais a *aura*, com que a disciplina é proposta que lhe dá um carácter único.

Desde logo, em visitas, por exemplo a edifícios pré-românicos, Alves Costa é capaz de inculcar nos estudantes o entusiasmo geralmente destinado a arquitecturas contemporâneas.

Depois, o obrigatório registo através do desenho é uma forma de interpelação rápida, presente e subjectiva, de obras de alto valor patrimonial incensadas pela história.

Depois ainda, a possibilidade de projectar sobre esses edifícios trá-los para o nosso tempo como matéria próxima, e retira-lhes a intocabilidade que por vezes só o tempo lhes conferiu.

Alves Costa consegue assim recriar uma plausível emoção sobre sítios, por vezes recônditos, e obras, por vezes de difícil leitura ou de apelo muito subtil.

Em última análise, esta empatia permite reatar uma espécie de diálogo com arquitectos há muito ausentes: “Porque terá sido assim?”; “Não podia ter sido de outro modo?”

Nas aulas, nas viagens e nos desenhos, o estudante é convidado a movimentar-se, a tomar uma posição activa face ao edifício histórico. Os encomendadores, os arquitectos e os utentes, são actores novamente em cena, que interpelamos.

É por isso fundamental a experiência da visita e a disponibilidade para tentar entrar na lógica do edifício, como se o estivessemos a re-projectar, a re-conectar com a vida contemporânea.

Esta abordagem - que é não uma mera didáctica mas uma visão particular da história da arquitectura - criou uma disciplina particularmente operativa nos cursos de arquitectura, também em Coimbra, ao cruzar o campo da história com a necessária sensibilidade prática do projecto. Este processo de vivificação da história permitiu levar a gerações de estudantes um conhecimento que teria ficado blindado nos livros, em más reproduções e fraseado “científico”.

Ao tentar encontrar uma raiz para o entendimento da história que Alves Costa traduz gostaria de remeter neste momento para “A Escrita da História”, de José Mattoso. Podemos arriscar dizer que o trabalho de Alves Costa traduz, para o campo da arquitectura, a matriz do pensamento de Orlando Ribeiro, Eduardo Lourenço e José Mattoso;

Esta comunicação, de que aqui se publica uma versão actualizada, foi feita em 18 de Fevereiro de 2010, na Capela do Colégio das Artes, no âmbito das comemorações dos 20 anos do Departamento de Arquitectura da FCTUC, como programa paralelo à exposição “Alexandre Alves Costa: A Viagem”. De acordo com os organizadores era dedicada ao tema “A História”. Uma apresentação semelhante teve lugar em 20 de Maio de 2010 na Escola Técnica Superior de Arquitectura de La Coruña.

a componente projectual e prospectiva deve ser procurada no modo de intimidade com que Fernando Távora tratava a história da arquitectura portuguesa. Por agora, fiquemos pelo historiador:

Afirma Mattoso: “Outrora, *factos históricos* eram só as acções dos chefes políticos, dos génios ou dos heróis. Desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica: desde a forma de enterrar os mortos, até à concepção do corpo, desde a sexualidade até à paisagem” (Mattoso, 1997, p. 17).

Podemos dizer que a leitura de Alves Costa visa exactamente este alargamento que lhe permite incluir arquitecturas que não são canonicamente “heróicas” ou “geniais”; a pequena história mas também a história dos pequenos; e o modo como esta pode superar, pelo menos poeticamente, a histórica central dos grandes modelos, dos grandes chefes.

Por outro lado, “A totalidade do real”, a que Mattoso aspira, como o próprio afirma, “só pode ser apreendida e transmitida por processos simbólicos ou por um tipo de linguagem cujo código é infinito nas suas expressões e recursos, como é a poesia.” (Mattoso, 1997, p. 18)

Podemos dizer que a abordagem de Alves Costa também entende que é numa relação de proximidade, de *amor* com o objecto visado que se pode expressar o conhecimento da história. E esta relação encontra a sua expressão na linguagem poética, uma maleabilidade discursiva que se propõe encontrar as diversas legitimidades de cada objecto em contexto e não apenas no seu comportamento taxinómico.

De facto, diz Mattoso que “a atitude contemplativa” que relaciona com “a linguagem poética e com o amor”, “não se opõe, de modo algum, à atitude racional e científica. Não prejudica a objectividade do conhecimento, antes pelo contrário. Torna a ciência extremamente exigente, e o rigor da observação, incansável.” (Mattoso, 1997, p. 20)

Como escreveu Novalis: “quanto mais poético, mais verdadeiro”.

Mattoso propõe que “o fascínio” da História “resulta de o Homem estar convencido que pode encontrar no passado algumas das respostas fundamentais acerca de si próprio.” (Mattoso, 1997, p. 19)

Na abordagem de Alves Costa esta ideia - e o risco que lhe está inerente - é constante, ao ponto de uma leitura mais positivista da história poder ser sacrificada em nome de uma leitura biográfica do presente.

É que, como escreve Mattoso, “a História destina-se, justamente, a tentar mostrar que existe uma ordem no mundo.” (Mattoso, 1997, p. 23) E este é um dado central: um arquitecto a lidar com a história significa

um duplo apetite pela organização do mundo. Na leitura de Alves Costa está sempre enfaticamente presente a ideia da história como ordenação, necessidade a que já é extraordinariamente sensível como arquitecto. As suas aulas de História de Arquitectura Portuguesa têm, por isso, o carácter quase de uma extensão da actividade de arquitecto.

José Mattoso responde aos críticos que o acusaram de ter uma abordagem “pós-moderna” reconhecendo, escreve, “a minha propensão pessoal para imprimir à História um tom, ou melhor um sentido, digamos, poético” (Mattoso, 1997, p. 31) É também neste sentido que vemos a abordagem de Alves Costa: trabalhando a partir da noção de que, como diz Mattoso, “a História é (...) uma representação de representações. É um *saber*, e não propriamente uma *ciência*.” (Mattoso, 1997, p. 38)

Talvez, socorrendo-nos de “Um Discurso sobre as Ciências”, de Boaventura Sousa Santos, se possa concluir por um parentesco da “História como arte” com uma “ciência pós-moderna”.

Mattoso propõe três aspectos que definem a “História como arte”: “a qualidade da forma” com os “recursos habituais do estilo, da legibilidade ou da fluência do texto”; a “habilidade da escolha e interpretação dos dados”, que “não supõe regras nem métodos estritamente racionais” mas um “certo *faro*, uma sensibilidade tornada intuitiva”; e a “carga poética do seu sentido global”, atendendo “à percepção e à transmissão de um conteúdo do género daquele que só a poesia pode transmitir.” (Mattoso, 1997, p. 40)

2 A história como arte

Esta leitura de José Mattoso permite-nos situar, em traços largos, a abordagem de Alves Costa. Mas tratando-se de um arquitecto de formação e de grande convicção modernas, é preciso encontrar um enquadramento para uma tal disponibilidade para o tempo longo e, em particular, para o gosto por formas arcaicas ou arcaizantes de arquitectura.

De facto, se no gesto fundador da arquitectura moderna, no seu afã racionalista, higienista e internacionalista, o arcaico é o impensável, ao longo das décadas de 1950 e de 1960, a aproximação a formas de racionalidade profundas e autênticas irrompe como uma forma de transformar o esquematismo da doutrina, até um modo de fazer a sua catarse (Cf. Figueira, 2011, pp. 14-18).

A intermediação de elementos de modernização com elementos arcaicos assinala uma mudança de paradigma que é notória nas exposições do *Independent Group*, em Londres, como “Parallel of Life and Art” (ICA, 1953).

O tempo e as formas voluntariamente difusas do Team 10 vão de facto remeter para um processo de implosão de onde emergem valores intemporais que se pensavam superados. Nesta conjectura, o arcaico é particularmente performativo, na sua racionalidade irreprimível, na sua objectualidade não adulterada.

Penso que o gosto pelo arcaico e pelas formas arcaizantes que Alves Costa sempre enfatiza nas suas leituras da História da Arquitectura Portuguesa tem como referência cultural, subconscientemente formativa, a zona nebulosa do Team 10: um espaço que admite a reconfiguração do moderno assistido por formas não corrompidas, espontâneas, encontradas no norte de África, ou nos recreios de Londres.

Com Alves Costa, podemos imaginar um espaço entre Marino Marini e Rosa Ramalho, ou entre Narancos e o convento de La Tourette em que a modernidade circula, e não pertence necessariamente ao tempo presente.

No tempo presente, aliás, há sempre demasiado ruído. Só uma depuração do tempo passado, inspirada na epopeia de Portugal na história, permite acalentar a ideia de uma modernidade que permanece em estado de devir.

O conservadorismo que Álvaro Siza tem reivindicado significa uma leitura da história das arquitecturas modernas visando preparar o seu regresso pleno e efectivo. A modernidade que Alves Costa sustenta tem no Brasil, ou até na história do Brasil, o seu espaço mais dilatado e esperançoso, seguindo uma genealogia de vários pensadores portugueses até Eduardo Lourenço.

Mas sendo moderno, Alves Costa não pode correr o risco de ser entendido como nacionalista. É aqui que entra novamente o arcaico: como garante de depuração de qualquer dimensão *kitsch* ou propagandística que pode sempre emergir quando se fala de feitos históricos de um país.

O arcaico é uma disciplina; uma forma de vigiar as retóricas mais sentimentais que sempre emergem na história portuguesa. Há também na abordagem de Alves Costa um registo sentimental; mas este decorre da expressão que se assume do lado de lá do colonizado e não do lado de cá do colonizador. Assim permanece o efeito de anti-nacionalismo, mesmo que a história remeta para conquistas no limiar do sobrenatural.

3 O futuro é nosso

Há uma salvaguarda, regressando ao arcaico: o mais importante é a coisa anterior a ser português. Como diria o professor de Távora: Portugal começou por não existir. Alves Costa tem uma afinidade particular, quase um projecto hiper-regionalista: um espaço circunscrito a noroeste da Península Ibérica que se designou, a certa altura, como Galécia. Aqui seria o começo de uma história que ganhou outras fronteiras, que não cumpriu o seu arcaísmo original.

Portugal seria também melhor no seu estado primitivo, antes de o ser. E assim se pode ser moderno: regressando ao sítio, desenhando, dialogando com os seus arquitectos viscerais e re-projectando-o novamente para *uma vida futura*, como Pier Paolo Pasolini desejou.

1 → Figueira, J. (2005). Traduzir para a mesma Língua - Notas sobre o trabalho Teórico de Alexandre Alves Costa (pp.7-9). In Alexandre Alves Costa. Candidatura ao Prémio Jean Tschumi. Lisboa: UIA 2005, Caleidoscópio, Ordem dos Arquitectos.
2 → Aguarda-se a investigação de doutoramento, em curso, de Raquel Paulino, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, para uma confirmação destas datas e dos conteúdos programáticos respectivos.

Bibliografia

Mattoso, J. (1997). *A Escrita da História. Teoria e Métodos*. Lisboa: Editorial Estampa. [1988]

—
Figueira, J. (2011). "Sobre o arcaico e o sofisticado na arquitectura". *Joelho*, 2, pp. 14-18

Créditos imagens:

Pasolini, P. P. (1989). *A Future Life*. Associazione "Fondo Pier Paolo Pasolini"